

ZEZINHO HERRERA
★ 1920 † 2010

Um olhar é suficiente

A morte de José Dias Herrera, que sempre buscou simplicidade na vida, deixou um legado de seriedade na profissão de repórter fotográfico.

LUIZ NASCIMENTO
DAREDAÇÃO



Fotos: José Dias Herrera e Luiz Nascimento



“A fotografia foi um acaso em minha vida”
José Dias Herrera

Visão da simplicidade
Atento a tudo, Zezinho, além das grandes personalidades, também registrou o trabalho de pessoas simples, que ajudavam na construção da história. No destaque, ele ao lado da foto de sua mãe.

Quem teve o prazer de conversar com *Seu Zezinho*, que nos deixou no último domingo (17), foi contagiado por seu bom humor e a sua vivacidade. Tive esta oportunidade única. Mais velho entre os cinco filhos de imigrantes espanhóis, ele nasceu em São Paulo em 15 de abril de 1920 e veio para Santos ainda criança, com sete anos de idade. Aos 12, já tinha o seu primeiro emprego numa loja na Rua do Comércio. Trabalhou em vários lugares, até que chegou às portas do que seria sua profissão: uma loja de artigos fotográficos. Ele gostou do negócio.

“A fotografia foi um acaso em minha vida”, contou. A partir daí, assumiu uma carreira que nem ele sabia se ia dar certo, uma coisa inesperada, sem retorno. Nunca fez um curso de fotografia. Estudou no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Santos. Quando se diplomou, começou a trabalhar numa casa de alemães onde fazia entregas. As entregas eram feitas de bonde e ganhava 50 mil réis por mês. Um dia Herrera estava em frente a uma vitrine de artigos fotográficos, o dono da casa o viu e perguntou se ele gostava de fotografias. Ele disse: “Muito!” “Você não quer ser fotógrafo?” “Poderia tentar!”, respondeu. “Então você pode vir amanhã”. “Vou falar para o meu pai”, disse.

Uma semana depois Herrera estava fazendo todo o serviço de amador. Ele continuou: “O dono tinha muito trabalho na rua, casamentos, aniversários e não tinha tempo para ficar na loja. Eu acabei atendendo os clientes, vendendo e trabalhando no laboratório. Os fotógrafos de A Tribuna iam lá e acabavam me chamando para fazer ampliações e me pagavam uma taxa. Foi assim que comecei minha carreira”.

Em 1937, aos 17 anos, Herrera começou a trabalhar no Diário como repórter fotográfico, depois de um episódio interessante: “Um dia o secretário do diário viu que eu não deixei um avião decolar para poder fotografá-lo. Então ele disse: ‘Esse garoto tem talento’”.

Três anos mais tarde, recebeu o convite do jornal A Tribuna, que só aceitou depois de muita insistência dos diretores. “A princípio eu escapei, indicando meu irmão Rafael, mas quem eles queriam mesmo era eu. Foi quando eu fiz algumas exigências para ir para lá e eles aceitaram”, lembrou.

Entre os anos 40 e 50, as estradas do litoral ainda estavam sendo abertas. Enfrentava sol e chuva, subindo e descendo os

morros, caminhando sobre pedregulhos e lama. Registrou fatos como a inauguração das rodovias Anchieta e Imigrantes, a inauguração da Refinaria em Cubatão, a chegada dos primeiros moradores do bairro da Areia Branca, os navios de guerras americanos ancorados no Porto de Santos. Mas, certamente, nada marcou mais a sua carreira do que a proximidade com o ídolo máximo do futebol. Ele foi a primeira pessoa a registrar o rei Pelé na Vila Belmiro. As fotos do rei foram cobijadas e invejadas pelos colegas de profissão. “Eu não procurei nada sobre o Pelé, nem sabia nada sobre ele, quando comecei a tirar fotos dele”. Acompanhando o time do Santos, Herrera conheceu vários países, deu a volta ao mundo. Considerava-se um homem realizado. Teve duas filhas, cinco netos, nenhum deles fotógrafo, uma filha que é psicóloga e a outra artista plástica. Morava em um belo apartamento em frente ao mar e me pediu que não colocasse o endereço dele na matéria.

Entre O Diário e A Tribuna, aposentou-se com mais de 40 anos de profissão. Mas enganava-se quem pensa que a carreira do Seu Zezinho parou por aí. Continuou na ativa completou 23 anos como fotógrafo na Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Santos. Foram 72 anos dedicados à fotografia.

“Fotografei diversos presidentes como Café Filho, Jânio Quadros, Washington Luiz, João Goulart, Charles De Gaulle. Nunca nenhuma imagem me marcou, todos os trabalhos que fiz foram com muito prazer. No momento de apertar o botão, a gente não pára para pensar, só sabe o que saiu quando a foto fica pronta”, citava José Dias Herrera foi considerado o fotógrafo mais “antigo” em atividade no Brasil, segundo a Revista Veja. Mas definitivamente nada antigo no espírito jovial e na disposição para o trabalho. Não se pode mais separar Herrera da fotografia. Quanto ao avanço da tecnologia, seu Zezinho era sincero ao dizer que a máquina digital manda no fotógrafo. Ousava, inclusive, criticar o trabalho de um dos mais conceituados fotógrafos do mundo: “Não gosto do traba-

lho de Sebastião Salgado, ele é muito específico”.

Convidado de honra do Governo Francês para assistir a copa do Mundo na França, recusou o convite sem cerimônias. “Comprei uma TV 29 polegadas e vi a Copa em casa”. Mas os franceses puderam se deliciar com uma exposição com 200 fotos sobre Pelé, fotografadas por ele, na cidade de Montellier, no sul da França.

Nos momentos mais importantes da história do Brasil, e da cidade de Santos, este paulistano nascido no Brás estava lá. Registrou tudo. Presidentes, movimentos, passeatas, revoluções, nada escapou aos olhos de sua lente. Falar dos seus muitos trabalhos não é tarefa fácil, pois dá para perder a conta dos muitos que fez. Foi repórter fotográfico da folha de São Paulo, Última Hora, Gazeta Esportiva, correspondente da revista O Cruzeiro e ainda viajou à Europa clicando o Santos Futebol Clube. Um fato curioso: ele era um ex-corinthiano que acabou Santista de coração.

No início da década de 1940, José Dias Herrera, teve uma participação política na formação da entidade da categoria, na assembléia de 25 de julho de 1942, para composição da primeira diretoria regional da Baixada Santista. Na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo em Santos há uma placa com os nomes dos 38 membros fundadores da entidade e o

nome do Herrera é o de número 33. Diz que hoje os movimentos sindicais estão muito mudados. Mais recentemente só acompanhava os companheiros da entidade e tinha um bom relacionamento com a atual diretoria. “Quando precisamos de mim estou sempre a disposição”, afirmou com firmeza. Herrera não hesitava em dizer “Vivenciei toda a época da repressão e vi censuradas várias fotos, mas política não pode entrar na fotografia e para se trabalhar para o governo o importante é cumprir sua obrigação, fazer tudo direitinho, independentemente da posição ou das atitudes do Governante e nunca esquecer que você é um fotógrafo”. Herrera só se arrepende de uma coisa: “não ter tirado três vezes mais fotos” e, por isso, garantiu que a melhor fotografia “é aquela que você não tira”.

Quase no final da nossa entrevista, eu senti que ele queria pedir alguma coisa. “Seu Zezinho, o que o incomoda”, perguntei. “Eu gostaria que você tirasse uma foto minha mostrando todas as minhas rugas e como eu estou velho”. Eu prontamente atendi o seu pedido. Tirei várias fotos dele e uma que ele chamou de especial, segurando um quadro com a foto da mãe. “Minha grande heroína!” Ainda conversamos por aproximadamente duas horas entre caixas de sapatos cheias de negativos, um momento raro que tive o grato prazer de viver.

OPORTUNIDADES DE TRABALHO

O Centro Público de Emprego e Trabalho de Santos está com 11 vagas (três para deficientes físicos - auxiliar de escritório - e uma para deficiente auditivo - ajudante de produção). As demais são: porteiro, operador de motobomba, empregada doméstica, analista de laboratório químico, conferente de mercadoria, encarregado de obras de manutenção (mecânica e montagem) e ajudante de calceteiro. Os interessados devem comparecer à Rua João Pessoa, 300, Centro Histórico, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17 horas, com RG, CIC, PIS e carteira de trabalho, para concorrer às vagas.

PRELÚDIOS DO CARNAVAL

por Lorde Pracinha (*) redacao@boqnews.com

Tempos para lembrar e matar a saudade

A *Bacia do Macuco* está para a samba e o carnaval santistas como a *Gamboa* se mostra para o samba e o carnaval cariocas. Em meio às batidas do treme-terra (surdo de marcação) e das malacas (tambores) nasci e cresci. Neto de Severino Biro-Biro, cabo-carvoeiro da Marinha de Guerra nos anos trinta, integrante do Bloco dos Carvoeiros e um dos precursores xisnoveanos.

Nasci no berço do samba santista. Convivi, desde cedo com a batida forte, marcando o compasso. Hoje, com mais de meio século de vida, este que vos fala tem muita história para contar, de velhos carnavais e coisa e tal.

Nostalgia à parte, sou do tempo em que uma lata de Leite Glória, um pedaço de plástico e uma tira de borracha extraída da câmera de pneu de bicicleta ganhavam vida, transformados em tambor de bloco de sujos, nas manhãs de sábados de carnaval. Um trapo velho virava estandarte e a batucada comia solta.

Neste terceiro milênio, as bandas - como a do Boqueirão, tão prestigiada pelo nosso semanário - são o que restou do tradicional carnaval de rua santista. Assim, durante este período que antecede mais um reinado de Momo, que tal, voltar no tempo para matar a saudade?

Quem tem mais um pouco de estrada, por certo há de lembrar das Batalhas de Confete da Rua Almirante Tamandaré. Ali, bem próxima dos terreiros da X-9 e da Brasil. Na vizinhança das Casas Populares do Macuco, berço, tempos mais tarde, da Padre Paulo.

Criadas por comerciantes interessados em promover a venda de produtos carnavalescos, as Batalhas de Confete inicialmente tinham caráter competitivo, com as agremiações participantes concorrendo a prêmios. Depois, elas passaram a

ser uma espécie do que, hoje, a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (*Liesa*), chama de “Ensaio Técnico”. Na verdade, um “Esquenta” das escolas para o desfile oficial.

Nas Batalhas de Confete da Tamandaré, nos anos 50 e 60, as escolas, blocos e ranchos desfilavam com antigas fantasias, mas, nem por isso deixavam de exibir todo um esmero no trato com o que a folia tinha de melhor: exaltação à Cultura Popular.

Elas ocorriam na semana que antecedia ao carnaval e atraíam um numeroso público. Não havia o aparato dos dias atuais, como arquibancadas, camarotes, banheiros químicos. Mas havia uma alegria espontânea e principal-

“Quem tem mais um pouco de estrada, por certo há de lembrar das Batalhas de Confete da Rua Almirante Tamandaré”.

mente, tinha povo, preenchendo o espaço nas ruas, festejando pra valer! Dias mais tarde, já em pleno carnaval, as ruas do centro e bairros e avenidas da orla se enchiam de cores para os caldeirões de Momo (bailes públicos de carnaval) e desfiles oficiais.

Os carnavais de minha infância têm o odor adocicado e ainda inocente dos lança-perfumes; o colorido das fantasias (índios, melindrosas, pierrôs e colombinas) e o sabor refrescante da groselha em tonéis de vidro que encantavam os olhos da meninada, nas barracas da Praça José Bonifácio.

E até que ele chegue, vamos desfilar nossas saudades, para voltar a estampar no rosto um enorme sorriso e no coração toda a nossa alegria.

Abram alas para o carnaval dos velhos tempos.

(*) Lorde Pracinha, alcunha do jornalista Dejair dos Santos. O Pracinha fica por conta dos antigos bailes comunitários nas matinês e noites carnavalescas na Praça Rubens Ferreira Martins, a Pracinha, das Casas Populares do Macuco.

de 2ª a 6ª - das 11 às 12hs

PROGRAMA
Política
Esportes
Economia
Saúde
Música
Entrevistas

DE TUDO UM POUQUINHO

Política
Esportes
Economia
Saúde
Música
Entrevistas

am 1510
ca clique

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE
3221-9500

www.radiocacique1510.com
detudoupoucoam@gmail.com

Banda do Boqueirão 2010

O Carnaval da antiga

TAMBÉM QUERO SER PRESIDENTE!

Eu quero daqui pra frente
Vestir a faixa de presidente
Conseil de enrolação
Sou candidato da Banda do Boqueirão

Minha plataforma
É um trem da alegria
Sou um fantasma
No senado da folia

Mas não se iluda não
Meu gabinete é aqui
no calçadão

ANIMAÇÃO, Oscar Guzella
E SUA BANDA CARNAVALESCA.
A mais tradicional e dançante do Litoral Paulista
orquestraoscarguzella.com.br

TRAGA A SUA FAMÍLIA!
(Av. Cons. Nébias esquina c/ a av. Epitácio Pessoa)

APOIO:

Boqueirão
Gostoso de ler e bom de negócios.

5 de Outubro Super Bazar
Desde 1918, onde se vende de tudo!

CLÁSSICA
PASTELARIA e Confeitaria

Massas
Son

OSWALDO
ÓPTICA

Pentágono

Prata
Lanchonete
40 ANOS
PASTEL - PIZZAS
E TRADICIONAL
SALGADO DE BACALHAU

Serginho
Calçados e Bolsas

Sempre presente nos melhores momentos do seu dia a dia!

TUM
ALUMINIOS